

O RETORNO DO CINE DRIVE-IN

Entrar numa sala de cinema em tempos de coronavírus ainda é muito arriscado. A pandemia, então, resgatou um modismo de ver filmes sem sair do carro



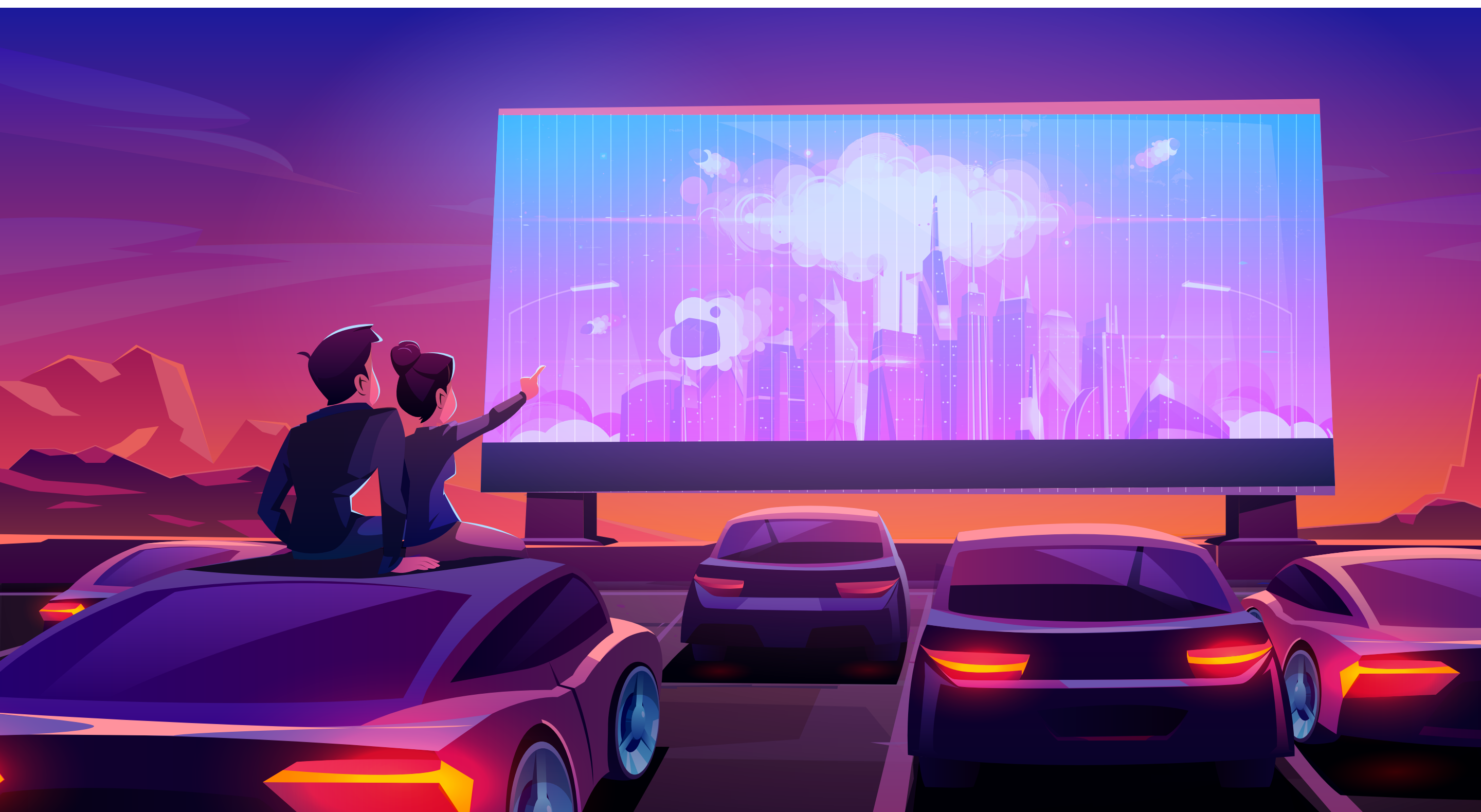
Freepik

A mãe do americano Richard Hollingshead era obesa e não se sentia confortável nas poltronas das salas de cinema. Bom filho que era, Hollingshead botou a cabeça para funcionar, tentando encontrar uma solução para que sua mãezinha conseguisse assistir aos filmes sem ficar espremida. Começou a fazer testes na garagem da sua casa, com projeção e áudio, até que chegou a uma ideia revolucionária: por que não ver os filmes de dentro do próprio carro? Até os mais gordinhos conseguem se ajeitar bem no assento mais espaçoso de um



automóvel. A garagem poderia resolver a questão para um ou dois carros, mas e se uma tela fosse instalada ao ar livre? Aí o que seria um tipo de home theater sobre quatro rodas já se transformava num ambiente muito mais amplo, capaz de receber diversos carros-espectadores ao mesmo tempo. Era um cinema a céu aberto no qual você não precisaria se preocupar em achar um estacionamento, porque o carro entra no evento com você. Ou melhor, você entra dentro dele, e dele não sai. Estava inventado o conceito do cinema drive-in.

Isso aconteceu em Nova Jersey, Estados Unidos, em 1933, quando Hollingshead patenteou sua ideia surpreendente e começou a ganhar dinheiro com ela fundando a empresa Park-In Theaters, Inc. Mas essa nova modalidade de entretenimento só pegou mesmo no pós-guerra, a partir de 1949, quando a patente de Richard foi revogada e o drive-in se tornou uma febre nos Estados Unidos. Virou um verdadeiro fenômeno, durante as décadas de 1950 e meados de 1960,

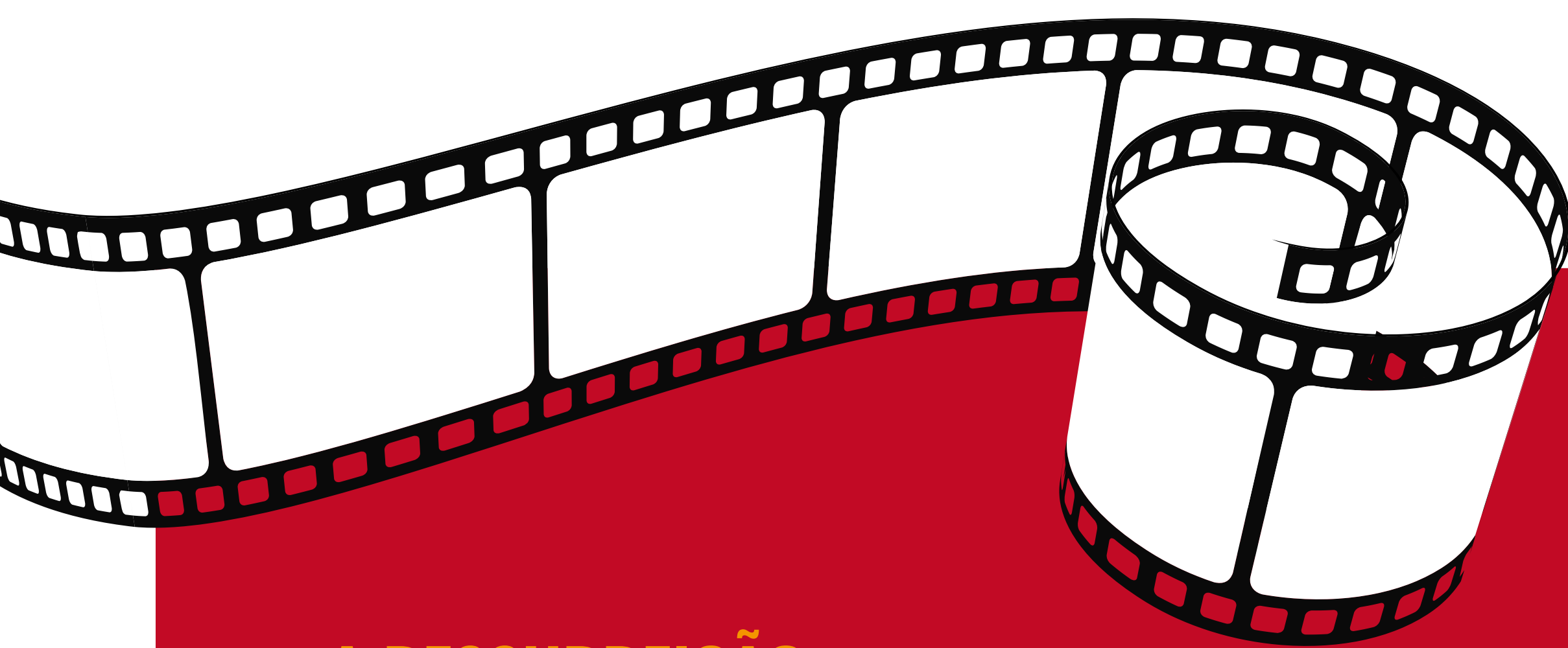


atraindo famílias, grupos de amigos e jovens casais – que às vezes iam com motivações bem distantes da ideia de ver o filme.

Além de uma experiência totalmente diferente de tudo que já se tinha visto na época, o evento encantava as pessoas pelo sentimento de liberdade ao assistir a um filme em uma área totalmente aberta, onde era possível ter privacidade, conforto, fumar e beber sem ser incomodado.

Já no Brasil, a ideia chegaria bem depois. Em 1973, foi inaugurado em Brasília o Cine Drive-in, com capacidade para 500 carros, acomodando até 2,5 mil pessoas – e que funciona até hoje! Esse tipo de

cinema sobre rodas por aqui, no entanto, não repetiu o sucesso experimentado nos Estados Unidos. Aliás, em qualquer lugar, os drive-in perderam a razão de ser quando o videocassete se popularizou, a partir dos anos 1980. Para que se espremer entre a poltrona, o volante e o câmbio do carro quando já era possível ver qualquer filme de sua preferência esparramado no sofá da sala ou mesmo na própria cama?...



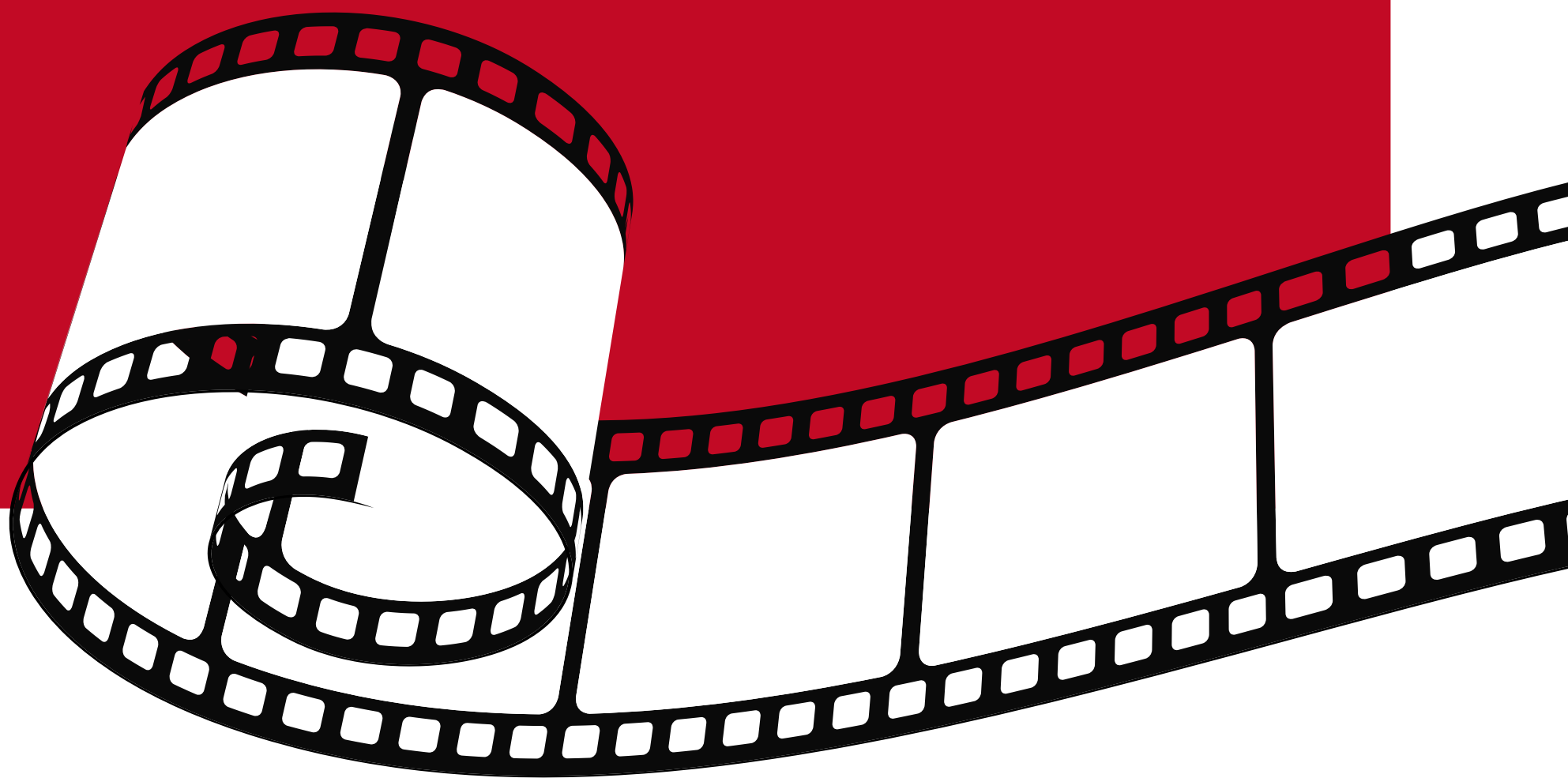
A RESSURREIÇÃO

Em pleno século 21, com novos serviços de streaming pipocando todos os meses, parecia completamente inconcebível que alguém mais quisesse dar uma chance aos eventos cinematográficos motorizados. Mas eis que a crise do coronavírus

mudou tudo. Com as salas de cinema fechadas e as pessoas com exaustão psicológica em função de meses de confinamento, ir a um evento no qual você permanece dentro do seu carro virou um programa com um nível controlado de segurança. Diversas capitais do Brasil logo começaram a ver iniciativas de drive-in com lotação esgotada – simplesmente porque as pessoas não aguentam mais ficar em casa, mas também não querem se expor ao risco do contágio. Hoje você encontra programações cinematográficas que vão desde os filmes clássicos até lançamentos. E não é só cinema, não. Estádios e outros locais de grande porte têm promovido eventos drive-in com shows musicais, apresentações de stand-up, cultos religiosos e atrações infantis. Até o fechamento desta edição da revista, o Allianz Parque, em São Paulo, tinha

MÁQUINAS POP

agendado sessões com o elenco infantil dos Detetives do Prédio Azul e a dupla sertaneja Maiara e Maraisa.



CURIOSIDADES



Nesses eventos, os participantes são orientados a usar máscara mesmo dentro do carro (com um índice muito baixo de adesão) e a respeitar distância entre os veículos.

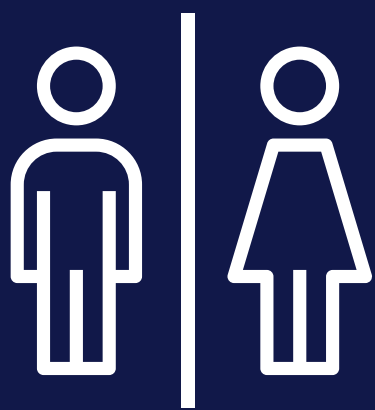


Pipoca e refrigerante? Dá para comprar junto com o ingresso, no seu computador, e só apanhar na hora do filme, diminuindo a interação com os atendentes. Já os espectadores mais cautelosos preferem levar

sua comida e bebida de casa mesmo, para não ter nenhum tipo de interação.



Com a volta desse tipo de entretenimento, empresas de locação de veículos enxergaram a oportunidade de fazer locação de seus carros em períodos mais curtos. Sim, só para ver o filme.



Quer ir ao banheiro no meio da sessão? Precisa acionar o pisca-alerta, e um atendente vai até seu carro acompanhá-lo (à distância) até o local correto. Em eventos infantis, alguns pais recorrem ao peniquinho para não ter de levar suas crianças a um possível foco de contágio.



As palmas não fazem sentido aqui. Foram substituídas pelas buzinas e pisca-alertas.

FICA A DICA

Assista, na Netflix, ao filme brasileiro *O Último Drive-in*, uma comédia que conta a luta do jovem Marlombrando (é assim mesmo o nome dele) para manter um drive-in funcionando.



CAMILA ALVARENGA

Analista de Pesquisa e Desenvolvimento



NATHALY LUCENA

Assistente de Suporte ao Produto